



C A P Í T U L O 5

PREVALÊNCIA DE ALTERAÇÕES MAMÁRIAS EM DECORRÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO NOS PRIMEIROS DIAS DE PÓS-PARTO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.948162501085>

Gabriel Pellegrin Nicoleit

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<http://lattes.cnpq.br/4798252088435878>

Maria Eduarda Caetano da Rosa

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<http://lattes.cnpq.br/0222225534233827>

Alícia Brighenti Bendo

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<https://orcid.org/0009-0000-3718-2424>

Manuela Pozza Ellwanger

Universidade do Contestado, Mestrado em Desenvolvimento Regional – UNC, Mafra – SC
<https://orcid.org/0009-0003-1115-6377>

Maurício Prätzel Ellwanger

Universidade do Contestado, Faculdade de Medicina – UNC, Mafra – SC
<https://orcid.org/0009-0002-8823-2588>

Bruna Camargo

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<http://lattes.cnpq.br/4696607458463662>

Guilherme Luiz Marcondes

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<https://lattes.cnpq.br/9211964481481642>

João vitor Marosin de Oliveira

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão – SC
<http://lattes.cnpq.br/8117435560059444>

Debora Reinert

Universidade do Contestado, Faculdade de Medicina – UNC, Mafra – SC
<https://orcid.org/0009-0006-5881-7568>

Alex Douglas de Jesus Silva

Albert Einstein Sociedade Beneficente Israelita Brasileira, Cocal, RO
<https://orcid.org/0009-0008-8624-102X>

Matheus Henrique Cassias de Lima

Universidade do Contestado, Faculdade de Medicina – UNC, Mafra, Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0009-5968-2775>

Chaiana Esmeraldino Mendes Marcon

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Faculdade de Medicina, Tubarão - SC
<https://orcid.org/0000-0001-7031-437X>

RESUMO: Identificar as principais dificuldades encontradas pelas puérperas no aleitamento materno entre os primeiros dias de puerpério, objetivando estimar a prevalência de complicações mamárias nos primeiros dias de pós-parto. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico observacional com delineamento transversal com puérperas entre o terceiro e o quadragésimo-segundo dia, que frequentaram o serviço de triagem neonatal entre o período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, através da aplicação de questionários com as participantes do estudo, em um município do sul de Santa Catarina. **Resultados:** A principal faixa etária encontrada das puérperas foi entre 16 e 34 anos, sendo brancas e solteiras. As complicações mamárias mais encontradas foram fissura, ingurgitamento mamário, mastite e bloqueio de ductos. **Conclusão:** Em metade das participantes evidenciou-se alguma complicação mamária. Dentre as complicações, a fissura mamária foi a mais prevalente.

PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento Materno; Período Pós-parto; Gravidez.

PREVALENCE OF BREAST CHANGES ASSOCIATED WITH BREASTFEEDING DURING THE EARLY POSTPARTUM PERIOD

ABSTRACT: To identify the main difficulties encountered by postpartum women in breastfeeding during the first days postpartum, aiming to estimate the prevalence of breast complications in the early postpartum period. Methods: This is an observational epidemiological study with a cross-sectional design involving postpartum women between the third and forty-second day postpartum, who attended the neonatal screening service between September 2023 and February 2024, through a questionnaire administered to the participants in a municipality in southern Santa Catarina. Results: Most of the postpartum women were between 16 and 34 years old, white, and single. Among the breast complications, fissure, breast engorgement, mastitis, and duct blockage were cited. Conclusion: Half of the participants reported some breast complication. Among the alterations, the one with the highest prevalence, cited by half of the women, was fissure.

KEYWORDS: Breastfeeding, postpartum period, pregnancy.

INTRODUÇÃO

O puerpério se caracteriza como o período de transição do parto até o estado em que a mulher retorna às condições anteriores à gestação, passando por diversas alterações.^{1,2} Essas transformações envolvem características físicas, psicológicas e sociais, o que torna o período vulnerável para a puérpera.³ Nesse momento, é quando se inicia o aleitamento materno, que é fundamental logo na primeira hora de vida do bebê.⁴

O aleitamento materno é um processo que compreende, além da alimentação do bebê, a formação de um vínculo afetivo entre mãe e filho.⁵ Para a puérpera, a amamentação traz benefícios como a prevenção do câncer de mama, ovário e útero, hemorragias pós-parto e doenças cardiovasculares.⁶⁻⁸ Ademais, a prática do aleitamento auxilia na involução uterina e evita nova gestação indesejada com aleitamento materno exclusivo, ajudando na recuperação do peso pré-gestacional e evitando osteoporose.^{1,9}

Apesar das recomendações e das medidas adotadas, a interrupção do aleitamento materno antes do período previsto de seis meses ainda é uma realidade frequente.^{8,10,11} Isso decorre dos questionamentos e dificuldades que surgem em relação à amamentação.¹² Tais circunstâncias podem predispor as puérperas a interromper o aleitamento materno precocemente. Dentre estas, estão as dificuldades inerentes à técnica da amamentação, como posicionamento e pega da criança na mama, o

que dificulta a sucção e o esvaziamento, podendo causar prejuízos na dinâmica da síntese de leite, os quais figuram entre os principais fatores associados à interrupção; a demora para apojadura; a presença de mamilos planos ou invertidos; dor associada ao ato de amamentar, além de fatores psicossociais e situação socioeconômica.^{6,11}

Nesse contexto, estudou-se as dimensões que podem interferir na manutenção da amamentação e buscou-se identificar as principais dificuldades encontradas pelas puérperas no aleitamento materno entre o terceiro e o quadragésimo-secondo dia do puerpério, objetivando-se estimar a prevalência de complicações mamárias nos primeiros dias de pós-parto em um município no sul de Santa Catarina.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo epidemiológico observacional com delineamento transversal. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados às 224 puérperas que frequentaram o setor de triagem neonatal em um município do sul de Santa Catarina no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024.

A população entrevistada foi constituída de por puérperas de todas as idades, que estivessem entre o terceiro e quadragésimo-secondo dia de pós-parto. Foram excluídas aquelas que possuíam algum problema cognitivo que as incapacitassem de responder o questionário, ou que não aceitassem participar, e aquelas com doenças impeditivas à amamentação.

No questionário aplicado foram realizadas perguntas contendo idade, etnia, escolaridade, vínculo empregatício, renda salarial familiar, estado civil, duração e risco da gestação, pré-natal, onde realizou e quantas consultas, tipo e local do parto, informações sobre o aleitamento materno, duração adequada para amamentação, motivos para amamentar, início do aleitamento, uso de leite substituto, intervalo de amamentação, motivo pelo qual deixou de amamentar, uso de fórmula, auxílio na primeira mamada, uso de bico de silicone, conhecimentos sobre amamentação, cuidados com a mama, classificação do mamilo, dor nas primeiras mamadas, troca de mamas, local da dor e recursos para aliviar, e tempo que pretende amamentar.

Os dados foram organizados em um banco do Microsoft Excel 2010, e o processamento e análise foram realizados com o programa SPSS versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, Estados Unidos).

As variáveis quantitativas foram descritas por medidas de tendência central e dispersão dos dados, e as variáveis qualitativas por meio de frequência absoluta e percentual. As diferenças entre os achados testadas pelo teste de *Qui-quadrado* e teste t de *Student*. O nível de significância estatística adotado foi de 5% (valor de $p < 0,05$).

O estudo foi realizado em deferência à resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado no dia 02 de setembro de 2023, sob o parecer número 6.157.323, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Sul de Santa Catarina.

RESULTADOS

O presente estudo obteve a participação de 224 puérperas no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024. A média de idade das participantes foi de 28 anos, $DP \pm 6,73$, variando de 14 a 45, em que 79,9% estavam entre 16 e 34 anos. A faixa etária com maior número de casos foi de 27 anos, tendo 17 mães com essa idade.

As demais variáveis sociais, demonstradas na Tabela 1, evidenciam que 42% eram primíparas, 74% declararam-se brancas, 56,3% possuem vínculo empregatício, 67,4% tem renda familiar média entre 1 e 4 salários mínimos, 54,9% declaram-se solteiras e 45,5% possuem o ensino médio completo.

Variáveis	n (%)
Faixa Etária	
<15 anos	2 (0,9)
16 – 34 anos	179 (79,9)
≥35 anos	43 (19,2)
Etnia	
Branca	167 (74,6)
Não branca	57 (25,4)
Estado Civil	
Solteira	123 (54,9)
Casada	98 (43,8)
Divorciada	3 (1,3)
Vínculo empregatício	
Possui vínculo empregatício	126 (56,3)
PNão possui vínculo empregatício	98 (43,8)
Renda média familiar	
<1 salário-mínimo	28 (12,5)
1 – 4 salários-mínimos	151 (67,4)
>4 salários-mínimos	45 (20,1)

Escolaridade	
Ensino fundamental incompleto	18 (8)
Ensino fundamental completo	16 (7,1)
Ensino médio incompleto	35 (15,6)
Ensino médio completo	102 (45,5)
Ensino superior incompleto	6 (2,7)
Ensino superior completo	47 (21)
Número de Filhos	
Primíparas	94 (42,0)
Multíparas	130 (58,0)

Tabela 1: Perfil epidemiológico das puérperas de 3 a 45 dias de pós-parto no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, em um município no sul de Santa Catarina, realizado com 224 participantes.

Fonte: Os autores, 2024.

Com relação à prevalência de complicações mamárias nos primeiros dias de pós-parto, 57,6% das puérperas tiveram alguma dificuldade em relação à amamentação. Dos desafios encontrados nesse período, 49,6% das puérperas relataram presença de fissura mamária, 8% apresentaram ingurgitamento mamário, 1,8% bloqueio de ductos, 0,4% mastite e 4,9% relataram outras dificuldades. As demais 42,4% das mães não obtiveram nenhuma complicação na mama.

O presente estudo buscou identificar variáveis que pudesse interferir na amamentação, como a classificação dos mamilos, no qual 84,8% das mães declararam ter mamilos protusos, que ficam salientes com o estímulo do bebê. Em relação a outras variáveis que interferem na amamentação, podemos citar a dor ao amamentar, relatada por 50,9% das mães em estudo; a frequência com que a mãe amamenta, sendo em 58,5% dos casos por livre demanda; a troca de mama entre as mamadas por 58,9% e os cuidados com a região após esse período, dos quais 43,3% são com uso de cremes ou pomadas, conforme demonstrado na tabela 2.

Variáveis	n (%)
Problemas Mamários	
Sim	129 (57,6)
Não	95 (42,4)
Qual problema mamário	
Fissura	111 (49,6)
Ingurgitamento Mamário	18 (8)

Bloqueio de Ductos	4 (1,8)
Mastite	1 (0,4)
Outros	11 (4,9)
Como classifica o mamilo	
Normal/Protuso	190 (84,8)
Plano	29 (12,9)
Invertido	5 (2,2)
Sentiu dor nas primeiras mamadas	
Sim	114 (50,9)
Não	110 (49,1)
Se sim, a dor começa:	
No início da mamada	96 (84,2)
Durante a mamada	14 (12,3)
No final da mamada	3 (2,6)
No intervalo entre as mamadas	1 (0,9)
Se sim, onde é a dor:	
No mamilo	96 (84,2)
Na mama	4 (3,5)
Em ambos	14 (12,3)
Se sim, a dor já desapareceu:	
Sim	43 (37,7)
Não	71 (62,3)
Para aliviar a dor usa	
Compressa de água morna	13 (11,4)
Medicação oral	1 (0,9)
Hidratação com cremes	4 (3,5)
Pomadas	38 (33,3)
Outros	13 (11,4)
Não usa nada	45 (39,5)
Tempo que pretende amamentar	
<6meses	4 (1,8)
6 meses	41 (18,3)
>6meses	179 (79,9)
Sabe os sinais da pega correta	
Sim	165 (73,7)

Não	59 (26,3)
Com que frequência amamenta	
A cada 1 hora	13 (5,8)
A cada 3 horas	77 (34,4)
A cada 6 horas	1 (0,4)
Quando consigo	2 (0,9)
Livre Demanda	131 (58,5)
Troca de mama:	
Durante a mamada	85 (37,9)
Entre duas mamadas	132 (58,9)
Oferece sempre a mesma mama	7 (3,1)
Cuidados após as mamadas	
Espreme gotas de leite e passa ao redor dos mamilos	59 (26,3)
Pomada ou cremes	97 (43,3)
Lava a mama	54 (24,1)
Não possui cuidado específico	65 (29)

Tabela 2: Complicações mamárias das puérperas de 3 a 42 dias de pós parto no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, em um município no sul de Santa Catarina, realizado com 224 participantes.

Fonte: Os autores, 2024.

Dos principais dados levantados, a média de semanas da gestação foi de 38,35. O pré-natal foi realizado por 222 (99,1%) puérperas, sendo 158 (68,5%) realizados somente na rede pública, 50 (22,5%) somente na rede privada e 20 (9%) em ambas as redes. O número médio de consultas foi de 10,20, variando de 0 até 37 consultas realizadas. A maior parte dos partos, 222 (99,1%) ocorreu no hospital, e os outros 2 (0,9%) em casa. A via de parto com maior frequência foi a cesariana, realizada por 125 (55,8%) participantes, enquanto somente 99 (44,2%) realizaram parto vaginal.

Das 224 puérperas, 88 (39,3%) apresentaram gestação de alto risco, sendo o principal risco diabetes gestacional, observado em 13,4% das puérperas, seguido de pré-eclâmpsia 6,7%, hipertensão arterial sistêmica prévia à gestação 6,3% e idade avançada 5,8%. Os demais riscos citados foram diabetes mellitus tipo I ou II, hipertensão gestacional, problemas psiquiátricos, polidrâmnio, problemas prévios de gestações anteriores, toxoplasmose, sangramento uterino anormal, DIU, anemia e outros problemas de coagulação, restrição de crescimento fetal, problemas na tireoide, infecções urinárias e renais, obesidade, uso de drogas ilícitas e alteração na transluscência nucal fetal. A tabela 3 descreve os dados analisados sobre a gestação do bebê atual e as variáveis a ela relacionadas.

Variáveis	n (%)
Sem riscos gestacionais	114 (50,9)
Diabetes Gestacional	30 (13,4)
Pré-eclâmpsia	15 (6,7)
Hipertensão arterial sistêmica	14 (6,3)
Idade avançada	13 (5,8)
Hipertensão gestacional	6 (2,7)
Anemia	6 (2,7)
Restrição de crescimento fetal	5 (2,2)
Problemas na tireoide	4 (1,8)
Infeção no trato urinário ou renal	3 (1,3)
Problemas em gestações prévias	3 (1,3)
Diabetes mellitus tipo 1 ou 2	2 (0,9)
Problemas psiquiátricos	2 (0,9)
Polidrâmnio	1 (0,4)
Toxoplasmose	1 (0,4)
Sangramento anormal	1 (0,4)
Drogas	1 (0,4)
DIU	1 (0,4)
Alteração na translucência nucal	1 (0,4)
Obesidade	1 (0,4)

Tabela 3: Riscos gestacionais citados por puérperas de 3 a 42 dias de pós parto no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, em um município no sul de Santa Catarina, realizado com 224 participantes.

Fonte: Os autores, 2024.

Referente às informações recebidas sobre aleitamento materno durante a gestação, 87,5% relatam terem sido instruídas sobre o assunto durante a gravidez. Desses, 74% receberam a informação nas Unidades Básicas de Saúde, e em 87,8% as orientações foram realizadas por profissionais da saúde. As informações obtidas foram principalmente sobre a posição correta para amamentar, 71,4%, e a pega correta, 72,4%.

Segundo os conhecimentos da puérpera, 7 (3,1%) acreditam que a idade correta para a amamentação exclusiva é menor que 6 meses, 148 (66,1%) acreditam que sejam exatos 6 meses e 69 (30,8%) mais que 6 meses. O desejo de amamentar foi referido por 185 puérperas, ou seja 82,6%, enquanto as outras 39 mães (17,4%) amamentaram por obrigação.

Com relação a amamentação iniciada pelas participantes, 221 (98,7%) iniciaram no hospital, sendo 163 (72,8%) na primeira hora após o parto, 49 (21,9%) entre a primeira e a sexta hora e 12 (5,4%) após a sexta hora, as outras 3 mães (1,3%) não iniciaram o aleitamento no ambiente hospitalar. Além disso, observou-se que 182 (81,6%) puérperas relataram que o bebê não recebeu outro leite no hospital além do leite materno, e as outras 41 (18,4%) referiram que o bebê tomou outro tipo de leite. Todas amamentaram pelo menos uma vez, mas apenas 98,7% estão amamentando no momento, e os outros 1,3% (3 puérperas) deixaram de amamentar, uma por pega difícil, uma por fissura mamária e uma por não ter leite suficiente. Totalizaram 92,8% dos bebês em amamentação exclusiva, 5,8% mista e 1,3% (3 bebês) em uso exclusivo de fórmula.

Das participantes do estudo, 71% receberam ajuda na primeira mamada, das quais 89,9% das ajudas foram dadas por enfermeiras e 5,7% por familiares a amigos.

Variáveis	n (%)
Recebeu informações sobre aleitamento	
Sim	196 (87,5)
Não	28 (12,5)
Se sim, onde	
UBS	36 (18,4)
Consulta privada	14 (7,1)
Maternidade	145 (74)
Cursos e outros	32 (16,3)
Se sim, quem informou	
Profissionais da Saúde	172 (87,8)
Familiar ou Amigos	21 (10,7)
Livros, revistas e outros	3 (1,5)
Se sim, quais informações recebeu	
Vantagens para a mãe	75 (37,7)
Vantagens para o bebê	87 (43,7)
Vantagens para a relação mãe e bebê	128 (64,3)
Posição correta para amamentar	142 (71,4)
Pega correta	144 (72,4)
Como prevenir e tratar complicações mamárias	50 (45,2)
Recebeu ajuda na primeira mamada	
Sim	159 (71)
Não	65 (29)
Se sim, quem ajudou	
Enfermeira	143 (89,9)
Médico	1 (0,6)
Família ou amigos	9 (5,7)
Outros	6 (3,8)
Uso de bico de silicone na mama	
Sim	30 (13,4)
Não	194 (86,6)

Tabela 4: Informações recebidas sobre aleitamento materno por puérperas de 3 a 42 dias de pós-parto no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, em um município no sul de Santa Catarina, realizado com 224 participantes

Fonte: Os autores, 2024.

Ao associar-se as complicações mamárias com as demais informações das participantes, percebeu-se que 60,5% das brancas tiveram problema mamários enquanto apenas 49,1% das não brancas relataram o mesmo problema. Conforme demonstrado na tabela 5.

Variáveis	Problemas Sim n (%)	Mamários Não n (%)	Valor de P
Etnia			0,130
Branca	101 (60,5)	66 (39,5)	
Não branca	28 (49,1)	29 (50,9)	
DM Gestacional			0,490
Sim	19 (63,3)	11 (36,7)	
Não	110 (56,7)	84 (43,3)	
Pré-eclâmpsia			0,200
Sim	11 (73,3)	4 (26,7)	
Não	118 (56,5)	91 (43,5)	
Idade avançada			0,390
Sim	6 (46,2)	7 (53,8)	
Não	123 (58,3)	88 (41,7)	
Tipo de Parto			0,410
Vaginal	54 (54,5)	45 (45,5)	
Cesariana	75 (60,0)	50 (40,0)	
Pré-natal em rede privada			0,540
Sim	42 (60,0)	28 (40,0)	
Não	102 (66,23)	52 (33,76)	

Tabela 5: Associação entre complicações mamárias e informações referentes as puérperas de 3 a 42 dias de pós parto no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024, em um município no sul de Santa Catarina, realizado com 224 participantes

DISCUSSÃO

Diante das análises realizadas no presente estudo, constatou-se que as principais complicações mamárias entre o terceiro e quadragésimo segundo dia pós- parto foram fissuras, mencionadas por 49,6% das participantes. Dados semelhantes foram identificados por um estudo realizado em um hospital amigo da criança, em 2020, em Salvador (BA),¹⁴ em que 58% das mulheres mencionaram como principal complicação mamária o trauma mamilar, sendo desses, 91,7% referidos como

fissuras. Além desse, outro estudo realizado na paraíba, com um grupo de 60 mães,¹⁵ observou que, das complicações mamárias, 55%, foi fissura.

Segundo estudo realizado em Campina Grande com nutrizes que estavam em aleitamento materno,¹⁶ as intercorrências mamárias são comuns durante o período de puerpério, e em sua maioria estão relacionadas à pega incorreta ou ao posicionamento inadequado do bebê durante o aleitamento. Sendo assim, o trabalho ora apresentado analisou que 73,7% das participantes sabem os sinais da pega correta, sendo que 72,4% receberam a informação durante a gestação. Segundo um levantamento bibliográfico realizado em 2021,¹⁷ os sinais da pega correta que a mãe deve relatar, são a visualização principalmente da aréola em cima do lábio superior do bebê e a análise do mamilo em uma posição dentro da boca da criança que o protege da fricção e compressão, prevenindo, assim, lesões mamilares. Além disso, 71,4% receberam informações sobre a posição correta para amamentar durante a gestação.

Por esse motivo, além da posição correta do bebê durante o aleitamento materno, existem outras informações obtidas pela mãe sobre a amamentação que são essenciais no período que precede o aleitamento. No presente estudo 87,5% referiram terem sido informadas sobre o aleitamento materno, semelhantemente ao estudo anteriormente citado,¹⁵ que obteve como resultado 83,3% das mães cientes sobre tais informações. No entanto, observou-se no outro estudo que em 81,6% das vezes essas informações eram sobre os benefícios da amamentação para os bebês e 11,7% para as mães, o que difere dos resultados obtidos em nosso cenário, em que 43,7% foram informadas dos benefícios para as mães e 37,7% foram informadas dos benefícios para o bebê. Apesar disso, os demais conhecimentos, como a duração da amamentação exclusiva por 6 meses, o início do aleitamento materno no hospital, sendo principalmente na primeira hora de vida, são compatíveis em ambos os levantamentos apontados.

Ao verificar-se os principais riscos durante a gestação, concluiu-se que a Diabetes Gestacional foi o mais citado. Uma revisão bibliográfica realizada em 2022 relata que esse problema de saúde está frequentemente associado a um atraso na lactogénesese, o que consequentemente causa uma menor taxa de aleitamento materno nas primeiras horas após o parto, ainda no ambiente hospitalar. O estudo demonstrou que as mães com Diabetes Gestacional tinham uma probabilidade 17% menor de amamentar na primeira hora e 27% menor probabilidade de amamentação exclusiva durante o internamento hospitalar!!! Isso se dá pelo fato de as alterações metabólicas relacionadas a doença terem o poder de interferir nas vias hormonais que envolvem a lactação, levando a um atraso na lactogénesese, que passa a ser superior a 72h após o parto.

Sabe-se que as informações sobre o aleitamento materno devem ser obtidas ainda no momento de gestação, enfatizando a importância do pré-natal nesse período. Com isso, observou-se que o pré-natal foi realizado por 99,1% das participantes, principalmente na rede pública, sendo que algumas participantes tiveram acompanhamento na rede pública e privada concomitantemente. O número médio de consultas realizadas foi de 10 atendimentos, variando de 0 até 37 consultas, divergindo da média de 6 consultas preconizadas pelo Ministério da Saúde.¹⁹ Das participantes do estudo, cerca de um terço teve uma gestação de alto risco, sendo principalmente por diabetes gestacional, pré-eclâmpsia, e hipertensão arterial sistêmica prévia à gestação.

Ademais, em relação ao intraparto, a média de duração da gestação foi de 38 semanas, e o parto foi realizado majoritariamente no hospital, sendo que a cesariana foi a via de parto preferida, semelhante ao estudo realizado no Paraná no ano de 2020,²⁰ que mencionou 61,2% dos partos sendo cesarianos.

Outro fator significativo para o sucesso da amamentação, segundo uma análise de artigos sobre aleitamento materno,²¹ é a atuação e auxílio da família e dos amigos durante esse período. No presente estudo, 71% receberam ajuda durante a primeira mamada, sendo em 89,9% das vezes por enfermeiros, seguido de 5,7% de familiares e amigos, relacionando-se similarmente com o estudo realizado com 60 mães,¹⁵ que se observou que 80% tiveram ajuda durante a primeira mamada, e que essa ajuda foi realizada 43,3% por enfermeiros, seguido de 30% por familiares.

O presente estudo também evidenciou que metade das participantes referiu dor durante as primeiras mamadas, e que essa dor tinha início no começo do período da amamentação, e foi referida principalmente na região do mamilo, sendo pouco sentida na mama por completo. O aparecimento da dor durante o aleitamento, segundo o estudo realizado em Campina Grande com nutrizes que estavam em aleitamento materno,¹⁶ contribui para a efetivação do desmame precoce. No estudo realizado com 60 participantes, na Paraíba em 2021,¹⁵ 60% sentiram dor ao amamentar, sendo 53,3% principalmente no período do início da mamada. Todavia, destacamos que muitos fatores contribuem para o desmame precoce, por esse motivo, quanto mais cedo for a avaliação de um profissional de saúde, para identificar precocemente as complicações mamárias e tratá-las adequadamente, maior será a chance deste aleitamento materno ser mantido.

CONCLUSÃO

Observou-se que o perfil clínico epidemiológico das mulheres que procuraram o serviço de triagem neonatal foi principalmente de mulheres brancas, entre 16 e 35 anos, em sua maior parte solteiras, que possuem vínculo empregatício e ensino médio completo.

A alterações mamárias foram referidas por 57,6% das participantes. As principais complicações mamárias relatadas pelas puérperas foram principalmente fissuras, citadas por metade das mulheres, seguidas por ingurgitamento mamário. Além dessas, também foram mencionados bloqueio de ductos e mastite.

REFERÊNCIAS

- Silva EC, Sasaki NSGMS. Dificuldades no aleitamento materno exclusivo durante e após o período puerperal. Revista Científica, v. 1, n. 1, 2020.
- Brito RCS, Junior JJA, Medeiros ACQ. Online no puerpério: interações de um grupo de apoio virtual. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., v. 22, p. 683-9, 2022.
- Lima SP, Santos EKA, Erdmann AL, Souza AIJ. Desvelando o significado da experiência vivida para o ser-mulher na amamentação com complicações puerperais. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 27, 2018.
- Rodrigues AP, Padoin SMM, Guido LA, Lopes LFD. Fatores do pré-natal e do puerpério que interferem na autoeficácia em amamentação. Escola Anna Nery, v. 18, p. 257-61, 2014.
- Barbosa GEF, Pereira JM, Soares MS, Pereira LB, Pinho L, Caldeira AP. Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., 18 (3): 527-37 jul-set., 2018.
- Oliveira RC, Silva MM, Lopes BA, Brito MA, Rocha RC, Carneiro CT, et al. Avaliação do desempenho de nutrizes e recém-nascidos durante a mamada no período neonatal: Estudo comparativo. Cogitare enfermagem, v. 26, 2021.
- Bicalho CV, Martins CD, Friche AAL, Motta AR. Dificuldade no aleitamento materno exclusivo no alojamento conjunto: revisão integrativa. Audiol Commun Res. 2021;26:e2471.
- Siqueira LS, Santos FS, Santos RMMS, Santos LFS, Santos LHS, Pascoal LM, et al. Fatores associados à autoeficácia da amamentação no puerpério imediato em maternidade pública. Cogitare Enferm. 2023, v28:e84086.

Silva JI, Chagas ALG, Sena BO, Lima CA, Santos GV, Campelo MCD, et al. Intervenções eficazes para tratamento de trauma mamilar decorrente da amamentação: revisão sistemática. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, 2022.

WHO. Word health organization et al. Indicators for assessing infant and young child feeding practices part 3: country profiles. World Health Organization, 2010.

Barbosa GEF, Silva VB, Pereira JM, Soares MS, Filho RAM, Pereira LB, et al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. *Rev Paul Pediatr*. 2017;35(3):265-72.

Castelli CTR, Maahs MAP, Almeida ST. Identificação das dúvidas e dificuldades de gestantes e puérperas em relação ao aleitamento materno. *Revista Cefac*, v. 16, p. 1178-86, 2014.

Carreiro JA, Francisco AA, Abrão ACFV, Marcacine KO, Abuchaim ESV, Coca KP. Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 31, n. 4, p. 430-8, 2018.

Quesado NT, Castro MdeS, Santos GRDAC, Nogueira RdeS, Nascimento VAS, da Silva BDAT, et al. Intercorrências mamárias relacionadas à amamentação em uma maternidade amiga da criança. *Rev Eletrônica Acervo Saúde*. 2020;12(11):e4635.

Daltro MCDSL, Uany daCV, de Sousa MNA, Castro BA, Suárez LDAB, Bezerra ALD. Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes. *Brazilian Journal of Production Engineering*. 2021;7(3):153-162.

Amaral LJ, Sales Sdos S, Carvalho DP, Cruz GK, Azevedo IC, Ferreira Júnior MA. Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes. *Rev Gaucha Enferm*. 2015;36 Spec No:127-134.

Silva IB, Silva IB, Alves LOB, De Souza CPR, da Conceição CMS, Linhares EOS, de Sousa MF. Cuidado De Enfermagem Sobre Amamentação Durante O Pré Natal E Puerpério. *Revista Saúde Multidisciplinar*. 2021;10(2): 72-78.

Sequeira CDDS. Amamentação e Diabetes na Gravidez. Doctoral dissertation, 2022.

Brasil. Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica B. Atenção Básica Cadernos De Atenção Ao Pré-Natal De Baixo Risco. 2012;

Leite CCP, Mittang BT, Rossetto EG. Fatores de risco para interrupção do aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida. *J. nurs. health*. 2024;14(1):e1425559.

Barclay L, Longman J, Schmied V, Sheehan A, Role M, Bruns E. A profissionalização da amamentação onde estamos uma década depois. *Obstetrícia*. 2012;28: 281-290.